

A ESTRADA EM LES CHOUANS, DE HONORÉ DE BALZAC THE ROAD IN LES CHOUANS OF HONORE DE BALZAC

Rosária Cristina Costa Ribeiro¹

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivos levantar e discutir alguns aspectos da espacialidade do primeiro romance de Honoré de Balzac (1799-1850), **Les chouans ou la Bretagne en 1799**, de 1829. Para alcançar tais objetivos, partimos das reflexões de Mikhail Bakhtin (1895-1975), apresentadas na obra **Questões de literatura e estética**, publicada originalmente em 1978. Essas reflexões concentram-se em torno do conceito do cronotopo literário. Dessa forma, o teórico russo parte de conceitos matemáticos para recriá-los dentro do campo da literatura, enfatizando, assim, as relações entre tempo e espaço na arte literária. O espaço selecionado foi a representação da estrada na referida obra e como essa espacialidade se integra com as demais características da narrativa, sobretudo a personagem. Deste modo, percebemos que a estrada é quase sempre a esperança de algo melhor. É pela estrada que as personagens pretendem atingir espacialidades onde o destino as espera, sem imaginar que vão encontrar seu destino no próprio percurso. A estrada é também a transposição dos espaços, e sua posterior conquista. Em **Les chouans**, mais do que a busca pelo desconhecido ou pelos espaços inabitados, a estrada leva a liberdade tão sonhada e a revolução dos destinos presos, de alguma forma, a ela.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura francesa; cronotopo literário; estrada; categorias da narrativa.

ABSTRACT:

This present article aims to raise and discuss some aspects of spatiality of Honoré de Balzac's (1799-1850) first novel "Les chouans ou la Bretagne en 1799" (1829). To reach these objectives, we start to construe Mikhail Bakhtin's (1895-1975) reflections, presented in "Questions of literature and aesthetics" originally published in 1978. These reflections focus on the concept of literary chronotope. Therefore, the Russian theorist starts from mathematical concepts to recreate them inside the field of literature, laying emphasis on the relations between time and space in literary art. The selected space was the representation of the road in the work and how this spatiality integrates with the other characteristics of the narrative, especially the character. Thereby, we realize that the road almost always is the hope of something better. It is along the road that the characters intend to reach spatialities where fate awaits them, without knowing they are about to find their own destination. The road is also the transposition of spaces, and its own subsequent conquest. In "Les chouans", more than the search for the unknown or the uninhabited spaces, the road leads the freedom and the revolution of bounded destinations, in some way, back to it.

KEYWORDS: French literature; literary chronotope; road; narrative structure.

Uma narrativa sobre um amor impossível, inspirada em uma história real em que a ganância leva à tragédia. Este é o resumo de **Les Chouans ou la Bretagne en 1799** (ou **A Bretanha**, na tradução brasileira), primeiro romance publicado com a assinatura de Balzac, 1829. Segundo alguns críticos, o romance inauguraria a **Comédie Humaine**: "Constituída a partir de 1842, como um sistema por vezes fechado, em um quadro de três

¹ Universidade Federal de Alagoas. Email: rosaria.ribeiro@fale.ufal.br

grupos de estudos, e dinamizada pelo princípio de retorno das personagens” (tradução livre-MITTERAND, 1986, p. 213). Juntamente com **Une passion dans le désert** (1830), esse romance compõe **Scènes de la vie militaire**, dentro do quadro dos **Études des mœurs**.

Nosso trabalho propõe, após uma rápida caracterização do romance e um breve exame sobre o tipo de romance que caracteriza **Les Chouans**, uma incursão pela espacialidade desta obra, com um destaque especial para o espaço da estrada. Do ponto de vista teórico, nos apoiaremos em algumas definições basilares, por meio da obra de Dimas, 1985, e Borges Filho, 2007; no que diz respeito às discussões sobre a estrada, partiremos da ideia de cronotopo bakhtiniana (1937-38,1973).

Se, por um lado, o enredo de **Les Chouans**, com seu desfecho trágico, que impede a felicidade dos dois amantes, traz uma marca indelével do romantismo francês da primeira geração, por outro lado, já podemos perceber como a observação da sociedade ou de relatos conhecidos estava presente em suas obras desde o início. Esse procedimento de análise social e coleta de dados, característico do autor, conjuga-se de harmoniosamente aos objetivos do romance histórico tradicional scottiniano. Esse tipo de romance é aquele definido por George Lukacs em sua obra **O romance histórico**, escrita entre 1935-36, de inspiração hegeliana e publicada recentemente em português. Este tipo de romance é definido a partir das características do romance histórico de Walter Scott, em que a historiografia não é questionada e passa à margem do romance, que se concentra em personagens verossimilhantes, constituídos a partir da ideologia da época retratada e do espaço que o define. Tal tipo de romance busca concentrar a ideologia da época retratada por meio de personagens típicas, deixando o contexto histórico e as figuras a ele pertencentes intocadas em segundo plano. Essa técnica de criação de personagem foi utilizada pelo escritor durante toda sua produção da **Comédie Humaine**. Dessa forma, o autor inspira-se em uma história na qual a ganância provoca a derrocada final:

Quanto ao enredo, talvez se trate da que relatou em suas **Memórias** a Duquesa de Abrantes e que Balzac pode transpor em outros momentos e lugares. O visconde François d'Aché, que participou da conspiração contra Bonaparte no ano XII, foi enviado pela comitê de Londres, para costa francesa, com a tarefa de encontrar dinheiro para a causa. Ajudado por duas mulheres, a Marquesa de Combray e de sua filha, Madame Acquet, ele resolveu, não sem relutância, por pilhar, em junho de 1807, carro postal de Alençon. O caso deu errado: Madame de Combray foi presa, Madame Acquet e Le Chevallier, seu amante, foram executados. De acordo com a

Madame d'Abrantes, d'Aché se refugiou em Caen, na casa de uma amante, Madame de Vaubadon, que ele havia abandonado. Por vingança e ganância, ela o teria entregue à polícia por 60 mil francos e d'Aché foi baleado pelos guardas. A realidade é um pouco menos romanesca, pois Madame de Vaubadon não tinha nenhuma motivação causada por ciúme passional, mas Balzac preferiu a versão da Duquesa, obviamente mais sedutora para um romancista, na qual ele pode inspirar-se para **Les Tableaux d'une vie privée**. (TROUSSON, 1997, p. 437).

Esse relato extraído das memórias de Mme d'Abrantès representa o essencial do que será **Les Chouans**. No romance, um grupamento do exército republicano, comandado pelo capitão Hulot, personagem que liga esse romance à estrutura da *Comédie*, auxiliado pelo policial Corentin, deve capturar o Marquês de Montauran, apelidado de Gars, chefe dos insurgentes chuans. Desde a primeira página do romance, a missão do capitão Hulot de capturar o marquês funde-se com a espacialidade: para ter êxito, Hulot deve vasculhar a região da Bretanha, conhecido reduto dos insurgentes. Nesses percursos, as personagens passam quase três quartos do livro se deslocando: seja grupamento de Hulot, que vai de inicialmente de Fougères a Mayenne, depois a Mortagne e retorna a Fougères, seja o grupo monarquista que vai do Golfo do Morbihan a Mayenne, depois à Alençon e finalmente a Fougères, cenário central do início e do desfecho da narrativa. “saídos de manhã de Fougères com destino a Mayenne, subiam a montanha de La Pelerine, situada no meio do caminho entre Fougères e Ernée, cidadezinha na qual os viajantes costumavam descansar.” (tradução livre - BALZAC, 1983, p. 5).

Este caminho levaria o exército parisiense a um confronto com os chuans que, logo no primeiro trecho da estrada, preparam uma armadilha para os republicanos. Este encontro desencadeia uma série de outros acontecimentos que conduz Hulot a uma hospedaria na qual ele vai ter a oportunidade de dividir a mesa com o próprio marquês de Montauran disfarçado. Outra personagem que também divide a mesa nesse momento é Marie de Verneuil, filha bastarda de um antigo aristocrata que, para mudar de vida e de lado, faz um acordo com Corentin para seduzir e entregar o jovem marquês. Entretanto, Marie, que não contava apaixonar-se pelo marquês. Inspirada por esse sentimento, ela passa a proteger seu amado, fato que provoca os ciúmes de Corentin, apaixonado por ela, e de Madame du Gua, falsa mãe de Montauran e que também o ama secretamente. Perseguida por Gua, Marie acaba caindo em uma armadilha de Corentin e, acreditando-

se traída, prepara um plano para entregar Montauran. Esse fato leva os dois amantes a serem executados pelo batalhão republicano, em um desfecho quase shakespeariano.

Para Balzac, essa intriga amorosa era o elemento essencial que faltava aos romances de Scott: a temática amorosa. Em linhas gerais, ao contrário do que acontece com alguns romances de fundo histórico ou de História romanceada, quando a História é usada como pano de fundo para a narrativa amorosa, no romance histórico tradicional a História, ou melhor, a ideologia histórica conduz o enredo. Ora, em Balzac, a temática amorosa serve como argumento e paralelo da História. Toda discussão filosófica e política é passada em revisão pela relação amorosa narrada. Podemos pensar aqui, em uma análise bem simplificada, no tema universal da traição: esse tema é o que une a parte claramente histórica da narrativa à ligação amorosa entre as personagens. Marie de Verneuil hesita a todo instante entre ‘entregar’ o chefe chuan e proteger seu único amor. Ao entregar Montauran, ela, Marie, torna-se traidora perante seu amado, ao protegê-lo ela torna-se traidora para a República.

Espacialidade

A narrativa parte da combinação entre ambientação franca, reflexa e oblíqua (LINS, 1979 e 1982, *apud* DIMAS, 1985). Ou seja, segundo Lins (*apud* DIMAS, 1985) da mescla entre descrições em que a ambientação é exposta de maneira direta, quando o narrador faz uma pausa na narrativa para descrever o espaço (A cidade de Fougères está assentada em parte sobre um rochedo de xisto que se diria pender das montanhas que circundam o grande vale do Cuesnon.) (tradução livre – BALZAC, 1983, p. 217). Já a ambientação reflexa é aquela em que a descrição do espaço ocorre sem a ‘colaboração intrusa e sistemática do narrador” (p. 22), por meio dos próprios olhos das personagens (Vendo que o caminho no meio do qual ele se encontrava passava por uma espécie de garganta pouco profunda na verdade, mas flanqueada por bosques, e onde terminavam diversas trilhas, ele franziu as grossas sobancelhas negras) (tradução livre, BALZAC, 1983, p. 26). Por fim, existe ainda, segundo Lins, a ambientação oblíqua ou dissimulada, que é transmitida a partir das ações das personagens. (Os outros soldados, arranjados eles mesmos em duas fileiras ao longo dessas ambulâncias improvisadas, desciam o contraforte da montanha voltado para o Maine) (tradução livre, BALZAC, 1983, p. 50).

Já o macro espaço nos leva à constituição de uma oposição entre a *province* do Oeste e Paris, a capital. Já a exploração da geografia da região, nos leva a constituição de uma paisagem que pode ser reconhecida, corroborando com o espírito descritivista e

realístico de Balzac, que se dedicou a estudos *in-loco* e aliou as características geográficas ao efeito literário, fazendo-o alcançar, assim, uma dimensão simbólica (DIMAS, 1985, p. 20).

Essa oposição e a presença de um espaço neutro leva-nos a falar sobre a tripartição do espaço no Romance Histórico Tradicional Francês e as fronteiras entre eles. Assim, para o romance histórico tradicional francês, temos Paris como o espaço republicano por excelência. De modo quase geral, a província restringe-se quase sempre ao Oeste francês. Esta escolha se dá por ser tal região um dos maiores focos de resistência à Revolução de 1789 e um de seus palcos mais sangrentos. Entretanto, em **Les Chouans**, este espaço se estabelece a partir da proveniência do exército republicano. Dominado, então, pelos espaços rebeldes/monárquicos, o romance apresenta a estrada como uma espacialidade neutra em que ambas as forças circulam.

De modo geral, no romance, a estrada pode se constituir, a princípio, como um lugar neutro entre as espacialidades exploradas nos romances históricos tradicionais, uma vez que por ela circulam todas as personagens, além de se constituir como um espaço de transição, um local de passagem entre duas fronteiras. Entretanto, em **Les Chouans**, damos-nos conta de que a estrada é o habitat natural dos chuans e a fronteira entre o seu mundo e o dos republicanos. Constituindo-se como guerrilha contrarrevolucionária francesa, a Chouannerie se estabeleceu nos departamentos do Oeste Francês, atacando as tropas revolucionárias à beira das estradas, enquanto essas se deslocavam. Assim, a estrada tem como função caracterizar as personagens (BORGES, 2007, p. 35), pois é através da descrição da própria estrada que conhecemos os chuans. Além disso, ela propicia a ação: é no decorrer do caminho que o enredo se desenvolve.

A partir desse fato, desenvolve-se uma relação de topofilia no caso dos chuans e de topofobia, no caso dos republicanos parisienses, pois, apesar de saírem vitoriosos no desfecho final, a espacialidade se apresenta contrária a seus intuitos. O comandante Hulot por diversas vezes teme as curvas da estrada e vê suas margens como um lugar de perigos inesperados:

Esses barrancos e esses arbustos, que anunciam ao viajante a proximidade da Bretanha, tornavam pois, então, essa parte da estrada tão perigosa quanto bela. Os perigos que deviam se encontram no trajeto entre Mortagne e Alençon, eram a causa da partida de Hulot. [...] (tradução livre). (BALZAC, 1983, p. 79).

Ainda no início, ele adverte: “Nós viemos procurar lã e vamos voltar tosados” (p. 20). Esses perigos inesperados têm uma direta relação com os encontros inesperados que se pode ter nas estradas pelas quais as personagens do romance transitam. Assim, no decorrer do enredo, o encontro entre os oficiais republicanos e os chuans torna-se inevitável, ou seja, o enfrentamento entre duas visões de mundo, dois modos de vida, duas formas de governo se enfrentam.

Fourgères, um dos mais duvidosos focos de chuaneria. [...] Antes de deixar Fougères, o comandante fizera tomar secretamente a seus soldados os cartuchos e as rações de pão necessárias a todos, a fim de não despertar a atenção dos circunscritos sobre o tamanho da estrada; ele contava não parar em Ernée, onde, saídos de seu espanto, os homens do contingente teriam conversado com os Chuans, sem dúvidas espalhados pelos campos vizinhos. (tradução livre - BALZAC, 1983, p. 11 - 12).

Outra consideração importante a se fazer quando consideramos a espacialidade em um romance histórico é a questão temporal. Essa junção nos conduz quase que naturalmente para algumas análises e definições, como o cronotopo bakhtiniano.

Condensando o sentido de cronotopo, presente em “Formas do tempo e do cronotopo”, de 1978, AMORIN (*apud* BRAIT, 2006) aponta que: “O cronotopo em literatura é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto” (p. 102). Assim, nada mais concreto do que a estrada e o deslocamento que ela nos proporciona no tempo e nos espaços. Em especial no romance analisado, esta relação está exposta desde o princípio, uma vez que o subtítulo é “A Bretanha em 1799”:

Nos primeiros dias do ano VIII, no começo do vendimário, ou para se adaptar ao calendário atual, lá pelo fim do mês de setembro de 1799, uma centena de camponeses e um grande número de burgueses, que tinham partido de manhã de Fougères para chegar a Mayenne, subiam a montanha de La Pelerine.” (tradução livre - BALZAC, 1983, p. 10).

Les Chouans propõe como ano base dos acontecimentos o ano VIII do calendário republicano. Essa escolha implica duas ideias diferentes: Primeiramente, Balzac preferiu o calendário revolucionário ao gregoriano, possivelmente para aproximar-se ainda mais do período relatado (1799); em segundo lugar, a escolha da data diz respeito aos acontecimentos próprios desse ano. 1799 é um momento no qual a Chouannerie é considerada perdida: a região está totalmente devastada, o governo Republicano está totalmente estabelecido, e as chances de a monarquia reassumir o poder via Inglaterra é praticamente inexistente. Ou seja, Balzac escolhe um momento histórico menos visado

pela historiografia, quer dizer, menos documentado e com mais possibilidades de criação ficcional sem tocar em pontos delicados da história registrada. Com esse modo de introdução da narrativa, o autor estabelece desde o princípio qual será seu modo de tratamento do tempo e espaço. Por tratar-se de um romance histórico que se pretende, mesmo se romântico, descritivo e com caracteres realistas, características do cronotopo bakhtiniano.

Passando mais especificamente às considerações bakhtinianas sobre a estrada, vemos que esse cronotopo une os cronotopos do romance de aventura de provação e o do romance de aventura da vida cotidiana, na metáfora do “caminho da vida”. Para Bemong (2015), nas discussões que desenvolveu sobre as relações entre a teoria do cronotopo e a teoria dos polissistemas, relaciona o romance histórico a diversos tipos de cronotopo, a depender das funções designadas ao gênero: cronotopo do romance de aventura de provação, cronotopo de romance de aventura da vida cotidiana e cronotopo documentário. Essas considerações tiveram como base a literatura belga do século XIX.

Em primeiro lugar, é característica do romance a fusão do curso da vida do homem (em seus principais momentos de crise) com seu caminho real e espacial, ou seja, com suas peregrinações. Aqui se dá a realização da metáfora do “caminho da vida”. O mesmo caminho que passa pelo país natal, familiar, no qual não há nada de exótico, de estranho e de estrangeiro [na página 84, Francine diz para Marie: ‘você vai rever a região’. A realização da metáfora do caminho da vida, com suas diversas variantes, desempenha um papel importante em todos os tipos de folclore. Os signos da estrada são os signos dos destinos etc. (BAKHTIN, 2014, p. 241).

Essas reflexões bakhtinianas nos levam a refletir sobre a estrada da vida de nossos protagonistas, e como mudar de estrada também é mudar de vida, sobretudo quando tratamos de Marie de Verneuil. Marie tem uma história de vida totalmente controversa: filha bastarda de um nobre, depois de viver aliada à nobreza, passa para o lado republicano, unindo uma mudança de ideias a conquista de sua liberdade. Ela, depois de passar uma parte da vida em Paris, volta às origens através daquelas estradas, uma espécie de jornada de autoconhecimento. A isso se junta uma referência espacial, que ganha significado novo no contexto: a colina, no centro da região, em que ambos os grupos sobem e onde ocorre o primeiro encontro traz o nome de A peregrina. Aqui, nossa peregrina é a própria Marie de Verneuil em busca de sua identidade e de sua história, que imola-se, ao final, na tentativa de salvar seu amor e seu país. Assim,

O espaço torna-se concreto e satura-se de um tempo mais substancial. O espaço é preenchido pelo sentido real da vida e entra numa relação essencial com o herói e com seu destino. Esse cronotopo é tão saturado que, nele, elementos como o encontro, a separação, o conflito e outros, adquirem um sentido cronotópico novo e muito mais concreto. (BAKHTIN, 2014, p. 241)

Dessa forma, na primeira metade do romance, os encontros ocorrem quase como em um movimento de cascata: o encontro entre o exército republicano e os chuans influencia o encontro dos monarquistas com a diligência postal, desencadeia o encontro entre Marie, o Marquês e Hulot.

A estrada é também um desses espaços transitórios que diversos personagens, representantes de diversas condições sociais, se cruzam. É exatamente nesse ‘entroncamento’ de destinos que sustenta a narrativa balzacquiana e que ocorrem os principais encontros. Na estrada (‘a grande estrada’) cruzam-se num único ponto espacial e temporal os caminhos espaço-temporais das mais diferentes pessoas, representantes de todas as classes, situações, religiões, nacionalidades, idades. (BAKHTIN, 2014, p. 349).

Cada grupo social tem na obra seus estigmas. Estes são mais leves nos republicanos, que são vistos como inteligentes, perspicazes, astutos, desprendidos quase heroicos. Já os nobres, são vistos como traidores, egoístas e pomposos. Opondo-se a eles, os chuans são vistos como maltrapilhos, traiçoeiros e selvagens. Muitas vezes são comparados a ameríndios ou a animais. São assim dominados por uma fé cega:

A religião, ou sobretudo o fetichismo dessas criaturas ignorantes, apagava o assassinado de seus remorsos. Também, uma vez essa luta iniciada, tudo na região se tornava perigoso: tanto o barulho quanto o silêncio, tanto a graça como o terror, tanto o lar quanto o grande caminho (BAKHTIN, 2014, p. 24).

Ainda segundo Bakhtin, as principais ações das personagens, aquelas que estão na esfera da exceção, acontecem na estrada, por exemplo, as reviravoltas da existência de Marie e de Montauran, protagonistas desse romance ocorrem na estrada entre Mayenne e Fougères.

Este é o ponto de enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos. Parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando os caminhos); daí a tão rica metaforização do caminho-estrada: “o caminho da vida”, “ingressar numa nova estrada”, “o caminho histórico”, etc (BAKHTIN 2014; p. 350).

Assim Montauran diz a Marie, durante o trecho em que descem da carruagem e vão caminhando pela estrada: “-- Percebe, senhora, como os sentimentos quase não seguem uma estrada comum, no tempo em que vivemos? [...] Nós nos unimos para a vida ou nos deixamos com a celeridade que marchamos para a morte.” (BALZAC, 1984, p. 132 – sublinhado nosso). Dessa forma, a estrada, ou os caminhos que a personagem escolhe, pode definir quem ela é e o seu próprio futuro. Ela escolhe a estrada e a estrada a conduz, para vida ou para a morte.

Portanto, concluímos este artigo refletindo ainda esta citação que resume, para nós, o papel da estrada no romance por nós analisado. Essa espacialidade é, quase sempre, a esperança de algo melhor. Como podemos ver em **Les Chouans** é pela estrada que as personagens pretendem atingir espacialidades onde o destino as espera. O que elas não esperam é encontrar seu destino no próprio percurso. A estrada é também a transposição dos espaços, e sua posterior conquista.

De um modo geral, essa busca pela transposição dos espaços está presente na tradição literária de uma forma geral. Em **Les chouans**, mais do que a busca pelo desconhecido ou pelos espaços inabitados, a estrada leva a liberdade tão sonhada e a revolução dos destinos presos, de alguma forma, a ela.

Após essas considerações, podemos dizer que a estrada entre Fougeres e Mayenne foi o tempo-espaço suficiente para mudar definitivamente a vida de Marie, de Montauran e da República Francesa.

Referências:

- AMORIN, M. “Cronotopo e exotopia”. In: BRAIT, B. (org). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini [et al]. São Paulo: Hucitec, 2014, 7ª ed.
- BALZAC, Honoré de. **Les Chouan**. Paris : Le livre de Poche, 1983.
- BASTOS NETO, A. “O espaço, o tempo e o ser: uma análise cronotópica de *Galileia*”. In: **Estação Literária**. Londrina, Volume 10A, p. 108-119, dez. 2012, disponível em <http://www.uel.br/pos/letras/EL>

- BEMONG, N. "Estruturas cronotópicas internas do gênero". In: BEMONG, N. [et al.]. **Bakhtin e o cronotopo : reflexões, aplicações, perspectivas**. Tradução Oziris Borges Filho [et al]. São Paulo: Parábola, 2015.
- BEZERRIL, G. S.; PEREIRA, R. A. "O conceito de cronotopo em Bakhtin e o círculo: matizes rabelaisianas". In: **Intertexto**. Uberaba: UFTM, jul-dez/2011, v.4, n. 2. p. 35-49. Disponível em : <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto>
- BORGES FILHO, O. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- DIMAS, A. **Espaço e romance**. São Paulo: Atica, 1985.
- Rodrigues, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. 2001. 446 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- MITTERAND, H. (org.). **XIXe siècle**. Paris : Nathan, 1986.
- TROUSSON, Raymond. **Le roman noir de la Révolution Française**. Paris : Nathan, 1997.